

Inglêses acusados de enganar os caiapós

■ Empresária não prestou contas de US\$ 700 mil

JOÃO BATISTA DE ABREU

O indigenista Saulo Petean, ex-consultor da fábrica britânica de cosméticos Body Shop, acusou em Belém uma das fundadoras da empresa, a inglesa Anita Roddick, de não prestar contas de US\$ 700 mil, recolhidos na Inglaterra através de doações para ajudar os índios caiapós, que vivem no Sul do Pará.

De acordo com Petean, que trabalhou seis anos para a indústria e foi demitido em janeiro, Anita Roddick teria arrecadado US\$ 800 mil em 1989, para auxiliar o chefe da aldeia caiapó de A-Ucre, Paulinho Paiacan. Segundo o indigenista, Paiacan — acusado de estupro três anos depois — teria sido ameaçado de morte porque liderou uma campanha para que o Banco Mundial suspendesse a concessão de um empréstimo para a construção de hidrelétricas no Rio Xingu.

Com o dinheiro das doações, a empresária comprou um avião monomotor Cessna, fabricado em 1975, no valor de US\$ 49.500, para a aldeia A-Ucre. Outros US\$ 50 mil foram gastos com o transporte do avião para o Brasil e com a manutenção e salário do piloto nos primeiros meses.

Segundo Petean, parte destes recursos foi aplicada na montagem das unidades de produção do óleo de castanha da aldeia A-Ucre (com 140 índios), no município de São Félix do Xingu, e da aldeia Pucanu, em Altamira. Outra parte pagou seus salários — US\$ 36 mil por ano, mais transporte e alimentação — e um montante não revelado foi doado a ONGs.

A Body Shop explora a imagem dos índios brasileiros como estratégia de marketing. O indigenista denuncia que o diretor-executivo da empresa, Gordon Roddick, marido e sócio de Anita, promovia visitas de distribuidores às aldeias indígenas e cobrava US\$ 25 mil de cada um. "Ele pegava esta grana e nunca dizia aos índios". Segundo o ex-funcionário da Funai, a Body Shop repassou aos índios, em cinco anos, US\$ 686 mil pelo fornecimento de óleo de castanha e faturou, com o condicionador de cabelos Brazil Nut Conditioner, US\$ 27,9 milhões, desde 1992.

Empresa nega as acusações

NELSON FRANCO JOBIM

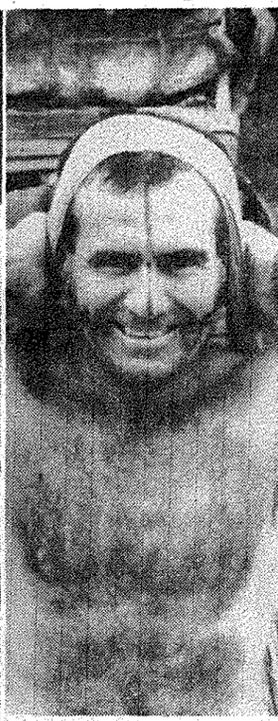
Correspondente

LONDRES — A Body Shop rejeita todas as acusações do indigenista Saulo Petean, visto como uma pessoa "frustrada e ressentida" por ter sido demitida. "Temos documentos que comprovam que estas denúncias são falsas", afirma a jornalista brasileira Junéia Mallas, consultora da Body Shop. "Ele foi a pessoa que retirou material de uma unidade de saúde. Existe um processo contra ele na Funai", acusa Junéia.

O advogado Thomas Shull, assessor jurídico da empresa, acrescenta que a Body Shop está investigando "algumas atitudes (de Petean) que parecem ser má administração e manipulação das comunidades indígenas com as quais comerciamos na Amazônia". Junéia diz que a Body Shop tem cartas de índios exigindo o afastamento de Petean.

Uma das duas novas empresas britânicas que conseguiram ampliar seus negócios por três continentes (América, Europa e Ásia), nos últimos 20 anos — a outra empresa é a Virgin, do ex-hippie Richard Branson — a Body Shop tem mais de 300 lojas pelo sistema de franchising. A empresa só faz propaganda de movimentos de defesa do meio ambiente e dos direitos humanos.

Bem sucedida no emergente mercado de cosméticos naturais, no início dos anos 90 a Body Shop decidiu abrir o capital. Com sua filosofia empresarial supostamente política e ecologicamente correta, atraiu investimentos do chamado "capital verde", pessoas interessadas em aplicar dinheiro em projetos de desenvolvimento sustentado.



Anita Roddick (E), o cacique Paulinho Paiacan (C) e um índio caiapó na porta da loja em Londres; acima o indigenista Saulo Petean

Índio é 'homem sério'

Paulista radicado na Amazônia há 22 anos, Saulo Petean, 43, trabalhou durante seis anos para a Body Shop, intermediando o negócio entre empresários ingleses e caiapós. Ele acusa os ingleses de terem mudado de comportamento e, para exemplificar, lembra que, no idioma tupi, caiapó significa "cara de macaco", nome que os

guerreiros inimigos davam à tribo, que corta o cabelo de forma triangular. Os índios se autodenominam *mebengocrés*, que no tronco linguístico *gê* significa "homem sério, que surgiu da fonte da água". Para Saulo, os donos da Body Shop tratavam os índios como *mebengocrés*, mas hoje — como seus inimigos — os tratam como caiapós.